



CAPA

A CARA DO BRASIL

NÃO BUSQUEM SEMELHANÇAS COM FIGURAS E MOVIMENTOS QUE INFELICITARAM O PASSADO: BOLSONARO E O GOVERNO DA DEMÊNCIA CONSTITUEM UM FENÔMENO POSSÍVEL SÓ POR AQUI

por MINO CARTA

Permite-me estabelecer um paralelo entre duas figuras importantes da República. Começo por Roberto Alvim, ex-secretário especial da Cultura do governo Bolsonaro. Trata-se de um impecável idiota, não no sentido dostoevskiano, mas na acepção irremediável do termo. Todos sabem que o indigitado Alvim quis encarnar o próprio Goebbels, o responsável pela propaganda de Hitler. Ignorava o secretário o poder do *lobby* judeu, sempre pontual e eficaz, como se deu nesta ocasião, a ponto de precipitar a sua demissão.

Detalhe interessante para provar a cultura do secretário. Na imagem do seu vídeo divulgado na quinta-feira 16, surge em cena, em vez da suástica, uma cruz que tanto pode ser a dos jesuítas que pretenderam cristianizar os indígenas nativos, bem como uma reminiscência dos templários,

guardiões do Santo Sepulcro, os quais não carregam uma história de virtudes.

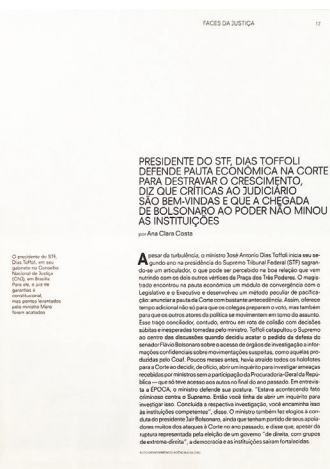
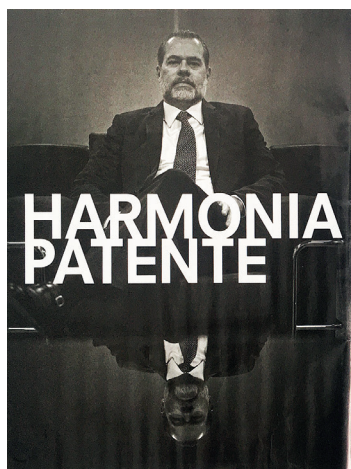
Outra personagem é o presidente da Suprema Corte, o qual, numa entrevista à *Época*, declara com comovedora candura que com Bolsonaro “a democracia se fortaleceu”. No caso é mais complicado catalogar os impulsos a mover Toffoli. Seria ele um hipócrita insuperável, um transformista do oportunismo ou um beócio qualquer?

Citemos algumas pérolas da entrevista de Toffoli, à testa de uma Alta Corte

dotada de poderes para impedir o golpe de 2016 e os planos sinistros da República de Curitiba, urdidos contra a lei, da qual o STF proclama ser sentinela. Personalidade complexa a de Toffoli, mas encantadora aos olhos de *Época* por celebrar a harmonia patente a reinar no Brasil de Bolsonaro.

Palavras de Toffoli: “A democracia mostrou instituições fortes, consolidadas e sólidas (...) Com FHC, Lula, Dilma e Temer, vivemos períodos de centro, centro-esquerda e, em alguns momentos, até de centro-direita. A eleição de Bolsonaro mostrou uma ruptura com essa maioria (...) A Constituição foi testada politicamente aos problemas que se apresentaram”.

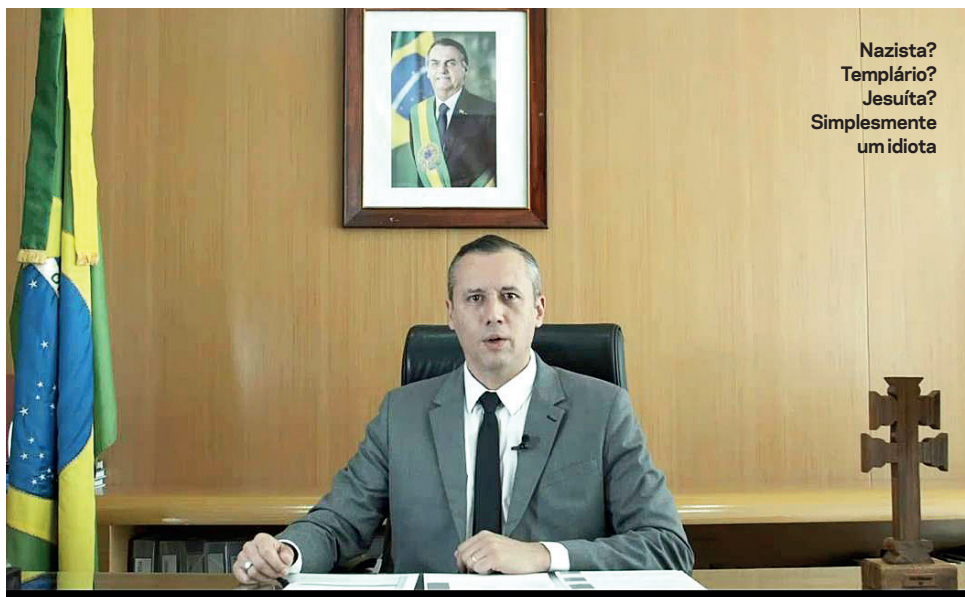
“O presidente Bolsonaro e a equipe do Palácio sempre atuaram com imenso respeito ao Supremo (...) A decisão que eu proferi em julho a respeito ao Coaf não era suspendendo a investigação sobre Flávio Bolsonaro. Era sobre suspender todos os casos até que houvesse uma decisão



Hipócrita? Oportunista? Beócio? Escolham à vontade



Nazista?
Templário?
Jesuíta?
Simplesmente
um idiota



final do Plenário, que acabou acontecendo (...) Sim, o Ministério Público e a própria polícia decidiram paralisar mais que o necessário. Mas isso tudo já é passado”.

“O ministro Paulo Guedes falou sobre as privatizações. E ele falou claramente que foi muito importante o papel do STF porque esclareceu qual modelo de privatização deveria ser usado para subsidiárias e qual modelo a ser usado para empresa-mãe (...) No meu olhar, essas definições são importantes porque isso traz maior tranquilidade para o mercado e para o Estado.”

O presidente do STF, além de agredir a língua, fala da Constituição rasgada impunemente. Que país é este? As provas de que o golpe foi preparado pela Lava Jato para impedir a candidatura de Lula nas eleições de 2018 aí estão, límpidas e irrefutáveis, graças às revelações do Intercept. O que se segue é fraude, por fim coroada pela eleição de Bolsonaro e pela nomeação de Sérgio Moro a ministro da Justiça. Que faz o STF do ministro Toffoli? Baixa a cabeça e diz amém. Isso tudo leva à conclusão de que certas situações só podem ocorrer no Brasil. Aproveito a oportunidade para

reafirmar a unicidade do fenômeno brasileiro, o país mais desigual do mundo, conforme pesquisas respeitáveis, medieval, graças à presença da casa-grande e da senzala ainda de pé, cada vez mais carente em termos de educação e saúde, enquanto a Amazônia e as populações indígenas continuam entregues à sanha pecuarista.

Espero que os leitores entendam o meu desalento e a minha convicção de que somos as vítimas de nós mesmos. Confesso que minha irritação com a nossa dita esquerda inepta, incapaz de mobilizar um povo festeiro, carnavalesco e patriota apenas e tão somente na hora

**CASA-GRANDE E
SENZALA AINDA DE
PÉ, DESIGUALDADE
RECORDISTA,
EDUCAÇÃO E
SAÚDE CARENTES,
AMAZÔNIA SEMPRE
ENTREGUE À SANHA
PECUARISTA**

do futebol. Estou cansado de contradizer quem não aceita a ideia de que o Brasil é único na sua desgraça em relação a outros países livres e soberanos.

Até figuras de notável cultura negam-se a perceber que o Brasil atual tem a cara de Bolsonaro e de sua turma, na sua união compacta, embora caótica, de tornar a demência forma de governo. Quem pretende ser sábio finge-se de desentendido, quer dizer, nega aquilo que Hannah Arendt definia como a verdade factual, ou simplesmente deixou de alimentar seus neurônios. Os bairros nobres aprovam a confusão governista apenas por causa do neoliberalismo desbragado de Paulo Guedes. Já a maioria que habita aglomerados de zinco, compensado e papelão acredita ser esta a única, exclusiva vida que lhe cabe. Esta espécie de normalidade, de resto perceptível nas próprias ruas, é possível somente no Brasil.

Há quem recorra aos grandes pensadores para mostrar a semelhança de Bolsonaro com Hitler e Mussolini. Comparações impossíveis entre terras, personagens e programas políticos muito diferentes.

Não se iludam, Bolsonaro e tudo que representa, sem excluir Alvim e o ministro Toffoli, resultam de uma história lamentável, sempre falseada. Esquecem a diferença entre a colonização espanhola e a portuguesa, o gesto tragicômico de D. João VI ao transferir a capital do seu império de Lisboa, ameaçada pela chegada das tropas napoleônicas, para o Brasil. Não é por acaso que o Grito do Ipiranga não passou de um exemplo da desavença dentro da corte lusitana.

Seria aconselhável, isto sim, ler Saint-Hilaire: o Brasil dos começos do século XIX que ele descreve era semente óbvia deste. Faltou, literalmente, o sangue na calçada, faltou o lance liberador, onde a maioria ainda traz no lombo a marca da chibata.

Conheci um Brasil bem melhor, promissor. Este de hoje me desagrada em demasia. •